

O LABORATÓRIO DOUTRINÁRIO DA GUERRA FUTURA

A guerra na Ucrânia transcende o conflito territorial, revelando um novo paradigma bélico que funde capacidade industrial, saturação tecnológica e guerra cognitiva. Sob a “Névoa da Guerra 2.0”, vence quem sustentar a logística e a resiliência do confronto prolongado.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na Ucrânia deixou de ser um mero conflito regional entre Moscou e Kiev, transformando-se em algo muito mais profundo e consequente. O que testemunhamos hoje na frente do Leste Europeu não pode mais ser explicado apenas pelas categorias tradicionais de manobras militares ou disputas territoriais. Estamos presenciando o nascimento operacional de uma nova forma de guerra, uma transformação histórica que coloca novamente em evidência questões que grande parte do Ocidente acreditava estarem resolvidas há anos.

Durante décadas, a ideia predominante era a de que as guerras futuras seriam rápidas, cirúrgicas e dominadas exclusivamente pela superioridade tecnológica ocidental. A globalização econômica, a manipulação financeira e a revolução digital pareciam anunciar o declínio definitivo das guerras prolongadas, do desgaste industrial e da geopolítica

clássica. No entanto, a Ucrânia destruiu brutalmente essas ilusões. A guerra demonstrou, mais uma vez, que a capacidade industrial, a energia, a logística, a profundidade estratégica e a resiliência nacional continuam sendo fatores decisivos.

Os relatórios divulgados pelo Ministério da Defesa russo entre 26 e 27 de maio de 2026 e as análises de especialistas renomados demonstram precisamente essa lógica. Moscou relatou avanços em setores de Sumy, Kharkov e Zaporizhzhia, incluindo a captura de cidades como Granov e Vozdvizhevka, enquanto mantém pressão constante em áreas próximas a Konstantinovka, Kramatorsk, Pokrovsk e áreas próximas a Dnipropetrovsk. Apesar da impossibilidade de verificar completamente todos os números e alegações divulgadas por ambos os lados, o padrão geral parece consistente: a Rússia continua a conduzir uma campanha de desgaste progressivo e pressão multidirecional sobre o sistema defensivo ucraniano.

O elemento mais significativo parece residir não tanto em conquistas territoriais específicas, mas na continuidade operacional. O conflito revela uma estratégia voltada menos para uma vitória espetacular e mais para a degradação sistemática das capacidades logísticas, operacionais e psicológicas do adversário. A Ucrânia é forçada a manter defesas em uma vasta frente, enquanto a Rússia combina pressão simultânea, ataques de precisão, guerra eletrônica, saturação com drones e desgaste prolongado por artilharia.

De certa forma, estamos testemunhando uma adaptação contemporânea da antiga doutrina soviética de operações em profundidade, embora profundamente transformada pela tecnologia do século XXI. A profundidade operacional não depende mais exclusivamente de veículos blindados e artilharia. Hoje, inclui ISR permanente, drones FPV, guerra eletrônica, inteligência artificial, satélites e mísseis hipersônicos.

O campo de batalha moderno tornou-se um espaço de vigilância praticamente permanente, onde qualquer concentração logística, radar, bateria de mísseis terra-ar ou posto de comando pode ser detectado e atacado rapidamente. A fórmula parece ser: ISR + IA + Drones + Mísseis = Campo de batalha transparente (esclarecimento: ISR significa Inteligência, Vigilância e Reconhecimento, sigla do termo em inglês *Intelligence, Surveillance, Reconnaissance*).

A experiência do satélite Iceye-X36, utilizado pela Ucrânia com apoio ocidental, é provavelmente um dos exemplos mais claros dessa revolução doutrinária. Graças ao radar de abertura sintética e às capacidades contínuas de ISR, a Ucrânia conseguiu detectar movimentações logísticas, radares e sistemas antiaéreos russos, mesmo à noite ou em condições climáticas adversas. Isso mina um dos princípios clássicos da guerra: o disfarce.

A guerra moderna não busca mais destruir tropas ou veículos blindados em primeiro lugar. Ela busca destruir sensores, sistemas de navegação, comunicações, capacidades de mira e consciência situacional. Em outras palavras, ela visa o sistema nervoso do adversário.

É precisamente aqui que emerge um dos fenômenos mais interessantes e simbólicos do conflito atual: o uso do míssil hipersônico Oreshnik. Além de seu poder destrutivo imediato, o Oreshnik representa algo muito mais significativo: o retorno da coerção estratégica multidomínio. Seu uso parece estar voltado tanto para objetivos militares quanto psicológicos. O míssil funciona simultaneamente como arma, mensagem política e demonstração tecnológica. Seu objetivo não parece se limitar à destruição de infraestrutura, mas também a alterar as percepções estratégicas ocidentais e transmitir uma mensagem muito concreta: a profundidade estratégica da Europa não está mais totalmente segura.

Analistas como Scott Ritter argumentam que o Oreshnik constitui um aviso direto à OTAN e uma demonstração da vulnerabilidade das defesas ocidentais. Douglas Macgregor acredita ainda que o míssil altera profundamente o equilíbrio psicológico europeu, reduzindo drasticamente os tempos de reação e colocando em causa a segurança da retaguarda estratégica ocidental.

O que é verdadeiramente significativo é que essa dimensão psicológica está começando a adquirir um peso comparável ao da destruição física. A guerra contemporânea não é mais travada apenas em terra, mar e ar. Ela agora abrange totalmente o espaço, o espectro eletromagnético, o ciberespaço e a dimensão cognitiva.

A NÉVOA DA GUERRA 2.0

O caso do míssil hipersônico Oreshnik parece refletir claramente uma das características mais profundas da guerra contemporânea: o surgimento de uma verdadeira “Névoa da Guerra 2.0”. Ao contrário da névoa clássica descrita por Clausewitz, baseada principalmente na falta de informação e na incerteza inerente ao combate, a guerra atual apresenta um paradoxo completamente novo: nunca antes tantas imagens, vídeos, sensores, drones, satélites e fluxos de informação estiveram disponíveis em tempo real, e ainda assim, uma compreensão real do que está acontecendo no campo de batalha parece cada vez mais difícil. O Oreshnik é um exemplo quase perfeito dessa situação.

Por um lado, as imagens divulgadas mostram enormes explosões, múltiplos impactos, incêndios e uma sensação visual de devastação massiva; mas, simultaneamente, veículos de comunicação ocidentais como a *Reuters*, o *The Guardian* e o *The Washington Post*

noticiaram apenas quatro mortes e cerca de 100 feridos, apesar da escala visual do ataque. Essa aparente contradição revela que o objetivo da arma provavelmente não é apenas destrutivo, mas também psicológico e perceptivo. O míssil parece ter sido projetado tanto para demonstrar a capacidade tecnológica ocidental e a vulnerabilidade defensiva quanto para gerar incerteza estratégica e pressão cognitiva sobre o adversário.

Nesse contexto, a guerra moderna não é mais travada apenas no plano físico, mas também no âmbito da percepção, da narrativa e da interpretação dos eventos. A destruição material continua importante, mas o impacto psicológico, midiático e cognitivo começa a adquirir peso comparável ou até maior. É precisamente aqui que emerge a lógica da “Névoa da Guerra 2.0”: uma combinação de sobrecarga de informação, saturação visual, manipulação narrativa e incerteza estratégica que torna cada vez mais difícil distinguir entre o que é visto, o que realmente está acontecendo e o que cada ator quer que o mundo perceba.

ESPAÇO, O QUARTO DOMÍNIO

E o espaço está se tornando, precisamente, uma das arenas mais revolucionárias desta nova era histórica. Relatórios recentes sobre o possível reposicionamento dos satélites russos Cosmos no mesmo plano orbital do satélite ucraniano Iceye-X36 sugerem algo que, até alguns anos atrás, parecia reservado à ficção científica militar: o início operacional da guerra espacial.

O espaço não é mais apenas um domínio de apoio estratégico. Agora, ele faz parte integrante do sistema de combate tático terrestre. A possibilidade de interferir, cegar ou degradar satélites usando microondas, lasers ou manobras orbitais significa que as guerras futuras terão como alvo, cada vez mais, sensores, sistemas de navegação e de mira. A combinação de ISR orbital, drones, inteligência artificial, guerra eletrônica e ataques hipersônicos está transformando o combate contemporâneo.

Os últimos relatórios russos também reforçam outra tendência decisiva: a crescente centralidade da guerra com drones e da guerra eletrônica. Moscou afirma ter abatido centenas de drones em apenas alguns dias, além de atacar depósitos de combustível, instalações de energia, centros de produção de drones e estações de guerra eletrônica. Independentemente da precisão dos números, o fenômeno doutrinário é claro: a guerra moderna é travada cada vez mais em torno de sensores, enlaces, comunicações e capacidades de direcionamento.

A INDÚSTRIA DE DEFESA

Nesse contexto, emerge outra dimensão central do conflito: a capacidade industrial. Diversos analistas ocidentais críticos da estratégia atlântica argumentam que a guerra na Ucrânia está revelando as crescentes limitações industriais e de mísseis do Ocidente diante da combinação da profundidade estratégica russa e da capacidade de produção chinesa. Além dos exageros típicos do debate político americano, esse argumento reflete uma preocupação real e crescente: guerras prolongadas dependem, mais uma vez, de produção em massa, energia, logística e resiliência industrial.

A guerra moderna parece estar reintroduzindo completamente a geopolítica clássica. Não a substituiu, mas a reativou, como temos reiterado nesta coluna há anos.

O conflito ucraniano está, portanto, começando a revelar algo muito mais profundo do que uma disputa territorial regional. Estamos testemunhando simultaneamente o retorno da profundidade estratégica, da centralidade industrial, da militarização do espaço, da saturação de drones e da convergência da guerra física e cognitiva.

Nesse contexto, o verdadeiro campo de batalha não é mais apenas o Donbass. A verdadeira disputa parece estar centrada em uma questão muito mais ampla e decisiva: qual sistema político, econômico, tecnológico e industrial será capaz de sustentar a longa guerra do século XXI? Porque a Ucrânia não representa mais apenas um conflito regional. Ela se tornou o principal laboratório doutrinário para a guerra do futuro.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
